

Dizer “eu” em África – poesia e subjetividade

Mário César Lugarinho*

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão acerca das recentes manifestações poéticas africanas em língua portuguesa e a emergência de um lirismo inédito.

Palavras-chave: Lirismo africano; Manifestações poéticas; Novo lirismo.

Eis-me no momento da ordem tentando breves memórias
De que honestamente me reconheço incapaz – o prazer
É todo meu. Tenho-me descompassado o exercício,
Quando por força do travão tranqüilo me vejo furtado
Querendo dizer – SILENCIADO!!!
(FEIJÓO, 1987)

Nosso objetivo, neste momento, é questionar a constituição da subjetividade poética das literaturas africanas de língua portuguesa, na medida em que passam de um tom nitidamente épico para um tom intensamente mais lírico. Esse processo resulta de uma transformação nos sistemas literários nacionais de alguns países africanos de língua oficial portuguesa e indica um abandono paulatino das tradições literárias herdadas das lutas de independência para a emergência de uma outra forma de se inscrever e escrever (n) a realidade.

As antologias tradicionais de poesia africana que vieram a público nos anos cinquenta e sessenta tiveram, em sua maioria, como eixo diretor o propósito político de afirmação de uma diferença cujas âncoras eram a identidade cultural, social e étnica dos povos africanos e a sua recorrente luta por autonomia política. Sem dúvi-

* Universidade Federal Fluminense.

da, a força desse eixo permitiu a atenção às literaturas africanas de língua portuguesa no contexto político daqueles anos de descolonização. A permanência desse eixo como direção dominante na sistematização dessas literaturas nacionais no período imediatamente posterior às independências, nos anos setenta, parece ter sido uma tendência geral, mas redutora, da crítica. A poesia submetia-se ao imediatamente histórico sob pena de tornar-se uma extensão dos discursos oficiais das novas políticas nacionais.

Apenas nos últimos anos, a produção poética e as antologias de poesia passaram a dar relevo à emergência de um sujeito poético que institui o lirismo como lugar original de fala, em detrimento da produção anterior em que o tom épico dominava.

A lírica é entendida aqui como um atributo do discurso literário em que o sujeito investe em sua própria instância, encenando um eu como outro de si – isto é, o paradoxo da poesia em que uma subjetividade se objetiva para constituir um novo sujeito. É flagrante, todavia, que o avanço da crítica literária dos últimos anos vem recuperando a subjetividade autoral na medida em que reconhece como autênticas as séries literárias que dela dependem, como a de escritas de mulheres ou referenciadas a grupos socialmente marginalizados – minorias étnicas, sociais, sexuais ou regionais. Cabe assinalar o papel fundamental das ditas literaturas emergentes no processo de desenvolvimento da crítica. Nessa perspectiva, está em jogo o conceito de origem que baliza a subjetividade literária do texto, já que ali se encontram em evidência particularidades não previstas pela série dominante.

Dessa maneira, pensar a constituição de uma subjetividade que não pretende ser metonímia ou mesmo metáfora de um povo ou de uma nacionalidade requer como recurso imediato a percepção do que venha a ser a constituição de um sujeito africano tal como a literatura o desenhou. Sem dúvida, o nítido tom épico das manifestações poéticas do período de luta e descolonização não era mera recorrência programática de uma literatura engajada. Sabe-se que a ancestralidade e o senso de coletividade são dados fundamentais que regem essa subjetividade. O sujeito africano, ao contrário do sujeito ocidental, tem condições de reconhecer o seu lugar na cadeia de tradições ancestrais e, dessa maneira, estabelecer uma síntese temporal que, ao mesmo tempo, o integra na série histórica e o desloca para o mito. Entretanto, há manifestações poéticas que, se não escapam dessa herança ancestral, (re)significam a tradição a partir de novas possibilidades subjetivas. É o caso flagrante da angolana Paula Tavares.

Paula Tavares, com a publicação de **Ritos de passagem**, em 1985, instituiu uma intensa discussão acerca da emergência da poesia feminina, baseada numa subjetividade inaugural, na literatura angolana. Sua obra, já bastante estudada no Brasil, notadamente por Laura Padilha, traz à cena literária um discurso fundante que

recebe um investimento direto de uma subjetividade problematizadora. Em **Ritos de passagem**, lança mão de um discurso que pretende dar conta de um sujeito coletivo feminino. São poemas de força indiscutível que trazem à tona uma fala silenciada não apenas pela história recente de Angola, mas pela longa tradição da condição feminina subalterna numa sociedade de nítidos contornos patriarcais, como se vê no poema “Rapariga” (p. 27). Ao mesmo tempo, a autora investe numa subjetividade individual, sem necessitar do esteio da tradição para lidar com o feminino, como quando traz ao poema a experiência do corpo feminino, discurso que inaugura em Angola. Em **Lago da lua**, de 1999, Tavares confirma o livro anterior, trazendo o discurso de um eu mais atomizado, mais centrado na experiência de si mesma. Por isso, Paula Tavares não é unicamente a metonímia da mulher angolana, como se poderia concluir mais apressadamente; é, sobretudo, a subversão de uma ordem binária que pressupõe um dominador e um dominado, um sujeito e um objeto. No amor, tema que melhor encena nossa perspectiva, o sujeito poético transita pelas instâncias do discurso. Mesmo sendo objeto de desejo, também exercita o desejo:

O meu amado chega e enquanto despe as sandálias de couro
Marca com seu perfume as fronteiras de meu quarto.
Solta a mão e cria barcos sem rumo no meu corpo.
(TAVARES, 1999, p. 19)

De outra maneira, destacamos a poesia de João Melo, em especial o livro **Tanto amor**, de 1989. Manuel Rui, no prefácio, reconhece o ineditismo da obra que tem diante de si. **Tanto amor**, uma significativa promessa naqueles anos, revela-se como um momento em que a literatura angolana parte para a produção e o desenvolvimento de temas que escapavam à relação histórica imediata.

O sujeito concebido, tal qual em Paula Tavares, não abre mão de seu lugar na cadeia de tradições, mas traz ao poema o estranhamento e o desconforto de sua relação com a herança cultural em sua experiência cotidiana de sujeito amoroso e desejante. Com isso, constrói uma subjetividade inédita ao identificar a crise instalada em sua masculinidade. Diante da experiência ocidental da emancipação feminina, recua de ser o caçador previsto pela tradição. Reconhece que se encontra em uma encruzilhada entre a cultura e a barbárie. Acha que não pode “possuir” o objeto amado e sofre por não possuí-lo. Joga consigo mesmo a fim de experimentar o quanto da tradição do desejo há em seu interior:

Eu sou um homem moderno, li uns livros
assimilei umas teorias
e acho pré-histórico privar as mulheres
da sua própria liberdade
em nome do amor.

Mas que hei-de sofrer muito
 hei-de
 se tiver de pôr à prova
 essas teorias.
 (RUI, 1989, p. 25)

A revolução proposta por Melo prescinde da individualidade, já que a experiência amorosa ofertada pelo passado não corresponde mais ao efeito moderno da sociedade que se constrói. É exigido que em sua lírica amorosa a tradição seja posta de lado em favor de uma razão amorosa de fundo psicanalisado e centrada no encontro reconhecido de dois sujeitos desejantes.

Dessa condição nascem a necessidade de solidão e a partida em busca de si. O rompimento com a tradição determina um afastamento direto do passado em relação às práticas amorosas. Em “Novo Amor” (RUI, 1989, p. 31), o poeta submete-se ao objeto de desejo entregando-se a ele em desmedida paixão. Não há mais o caçador heróico, há somente o homem ao sabor dos acontecimentos, do devir amoroso (RUI, 1989, p. 37). A esse homem que optou pelo investimento em sua subjetividade, restam o saber do discurso do amor e o reconhecimento de que é impossível manter a união amorosa e perpetuar o instante do gozo.

Apesar do segundo segmento de **Tanto amor**, “Tambores”, em que o som dos tambores, no sangue dos homens, os faz “vibrar, se tomados/de repente/por uma paixão/selvagem” (RUI, 1989, p. 53), percebe-se que, enquanto a paixão era interdita a Melo, impunha-se uma necessidade constante de purificação, através da angústia ou da solidão. Os tambores tocam com plenitude, o que há é apenas o fluxo natural que só os animais conhecem, em que os interditos são suspensos, porque a subjetividade encontra sua dissolução no gozo.

Em vão. **Tanto amor** termina na falência da solidão, no retorno indiscutível ao si mesmo, numa espiral sem volta, com os seguintes poemas:

SONETO DA PROCURA

(...)
 Procuro-te na espera impaciente de tua chegada
 na poesia febril arrancada dos dedos
 como uma cópula ardente de sangue e loucura

Procuro-te na terrível angústia do falo
 quando a noite se abate sobre a cidade
 e no esperma solitário despejado na pia.

Culpa

Não sei se me cheguei a dar
 às mulheres que me deram o seu amor.
 (...)

Não é isso o importante. O que quero é saber
se depois que emudeciam os tambores
eu saía simplesmente
levando de novo tudo o que trouxera.
(RUI, 1989I, p. 54)

Se Paula Tavares e João Melo revelam a afirmação de uma identidade entre a tradição africana e uma razão moderna centrada na subjetividade, o movimento de suas obras fica longe de se resolver pacificamente. Mesmo que a poesia de Paula Tavares seja a celebração de um discurso e de sua afirmação e **Tanto amor**, de João Melo, seja a descoberta de uma claudicante subjetividade masculina, ambos apontam para a encruzilhada de sentidos ainda não totalmente explorada pela crítica. O sujeito nessa poética não faz um movimento pendular pacífico – enfim, fica patente que a constituição de uma subjetividade na fronteira histórica que a modernidade impôs às tradições é um dado a ser questionado porque estabelece rupturas mais profundas do que aquelas com as quais nos acostumamos a lidar no curso das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Voltar-se para o “eu” é uma ação de vanguarda, na medida em que as séries anteriores privilegiaram o “nós”.

Esse movimento, não exclusivo da literatura angolana, estende-se pela porção de língua oficial portuguesa do continente. A edição, em 2001, da **Antologia da nova poesia angolana** (1985-2001), organizada por Francisco Soares e publicada em Lisboa, pela INCM, revela que o movimento de constituição da subjetividade na poesia de Angola e africana não é exclusivo dos autores em foco, que, aliás, abrem a referida antologia, mas encontra-se também em Bonavena, Carlos Ferreira, Lopito Feijoo, Maria Alexandre Dáskalos, Roderick Nehone e Zé Coimbra.

O trabalho de Francisco Soares faz eco a **Mirabilis de veias ao sol**: antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos, de 1991, organizada por José Luís Hopffer Almada. Sem esquecermos dos sítios da Internet povoados por uma infinidade de autores desconhecidos do grande público, a que se juntam, de Moçambique, **Raiz de orvalho e outros poemas**, de Mia Couto, de 1999, e **O monhé das cobras**, de Rui Knopfli, de 1997. Nesses vemos a mesma discussão, uma subjetividade individualizada emergindo para dizer “eu”, apesar de toda a tradição que sugere o inquestionável “nós”.

A que conclusões chegar? A quase nenhuma, mas a outras interrogações a respeito dos próximos movimentos das literaturas africanas de língua portuguesa e, principalmente, da forma como a crítica brasileira vem-se dedicando a elas. Porque não há como negar que essas literaturas já atingiram a sua plena autonomia. Resta-nos abrir mão de instrumentos a que estamos acostumados para podermos percebê-las com direito às mesmas dúvidas.

Abstract

This article reflects concerning the recent Portuguese speaking African poetical manifestations and the emergency of a new lyricism.

Key words: African lyricism; Poetical manifestations; New lyricism.

Referências

ALMADA, José Luís Hopffer (Org.). **Mirabilis de veias ao sol**: antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro/Caminho, 1991.

COUTO, Mia. **Raiz de orvalho e outros poemas**. Lisboa: Caminho, 1999.

KNOPFLI, Rui. **O monhé das cobras**. Lisboa: Caminho, 1997.

MELO, João. **Tanto amor**. Porto: Asa, 1989.

PADILHA, Laura. Paula Tavares e a sementeira das palavras. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Tereza (Org.). **África & Brasil**: letras em laços. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000. p. 287-302.

SOARES, Francisco (Org.). **Antologia da nova poesia angolana (1985-2000)**. Lisboa: INCM, 2001.

SOARES, Francisco. **Notícia da literatura angolana**. Lisboa: INCM, 2001.

TAVARES, Paula. **O lago da lua**. Lisboa: Caminho, 1999.

TAVARES, Paula. **Ritos de passagem**: poema. Luanda: Lito-Tipo, 1985.